

Elizabeth bheinn

O

Último

Adieu!



PERIGOSAS NACIONAIS

O
Último
Adeus

ELIZABETH BHEINN

PERIGOSAS ACHERON

Copyright © 2019 Elizabeth Bheinn.

Todos os direitos reservados, lei 9.610.

ISBN: 9781686992438

Formato; e-book Kindle.

Capa: N. S. GOMES

Editor: Marcos Rosenberg

Texto revisado segundo o Novo Acordo Ortográfico da
Língua Portuguesa.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida ou transmitida de qualquer modo ou por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia, ou qualquer outro tipo de sistema de armazenamento e transmissão de informação sem autorização por escrito da Autora. Os direitos morais do autor foram assegurados.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

acontecimentos descritos são produto da imaginação do autor.

Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos
reais é mera coincidência.

PERIGOSAS ACHERON

Dedicação:

Esse livro é dedicado a todos os leitores do mundo, que descobriram a fórmula de poder viajar e vivenciar novas experiências a cada página sem sair do lugar.

“Tarde demais o conheci, por fim; cedo demais,
sem conhecê-lo, amei-o”.

—*Willian Shakespeare*

PRÓLOGO:

Muitos acreditam em sorte ou mágica... Eu simplesmente acredito no amor, acredito também na predestinação.

Quando alguém está predestinado a algo, por mais ínfimo que seja... De algum modo acontecerá. Não importa os meios...

PERIGOSAS NACIONAIS

-Anônimo.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 1

Era uma tarde dublada, com o vento soprando levemente. Os passarinhos haviam se escondido — apreensivos pela chuva que cairia logo.

—Devia ter terminado esse trabalho há dois dias e até agora... Não pude fazer nem a metade. —Um rapaz murmurou passando a mão pelos cabelos impecavelmente modelados com gel. E logo a retirou—não estava a fim de desgrenhá-los, afinal um bom executivo sempre tinha uma aparência impecável, pelo menos, era isso que seu pai dizia.

PERIGOSAS NACIONAIS

—Não importa Djean. Ainda tem uma semana inteira para terminar isso e no final de semana você irá comigo até a casa de lago da vovó.

O rapaz de cabelos dourados debochou.

—Não posso. Isso é bem mais complicado do que você imagina, essa maquete precisava estar pronta para ontem.

—Você não precisa ser bom em tudo Djean... —A garota que o acompanhava falou exasperando.

Djean bem no fundo se sentiu chateado. Desde que seu pai alcoólatra morrera em um acidente de carro, ele resolvera assumir o papel de ser o homem da casa. Começou a trabalhar aos quinze para ajudar a família— sua mãe nunca gostou disso, mas não reclamava, pois com sua ajuda conseguia pagar o aluguel e as demais despesas.

“Djean é um menino de ouro” Sua mãe sempre dizia com brilho nos olhos.

PERIGOSAS ACHERON

Havia dez anos que seu pai se fora. E Mesmo assim Djean acreditava cegamente que precisava ser o melhor em tudo, para compensar as atitudes do próprio pai. O melhor aluno, o melhor empregado e também acreditava ser o melhor irmão.

Mas isso não estava sendo questionado. Ele só sabia se dedicar ao trabalho e ao trabalho. Um verdadeiro Workaholic. Do alto de seus 25 anos, ele tinha uma promissora carreira, uma ótima casa e até mesmo um cachorro, mas algo ainda lhe faltava e ele não sabia o que era.

—Só vou terminar essa maquete para empresa e pronto! Começarei a arrumar as malas. —Pousou a mão sobre as macias e gélidas mãos de sua irmã.

Djean permaneceu na cafeteria por mais meia hora, combinava o final de semana com sua irmã. —mesmo achando muito cedo para isso, já que

ainda era segunda-feira.

Após despedir-se dela, ele pegou a pasta escura sobre a mesa e entregou a mini maquete inacabada á um homem de meia-idade chamado Sebastian — que o deixava guardar seus projetos no fundo de sua cafeteria, assim era bem mais fácil para ele, já que o recinto ficava bem próximo do seu local de trabalho.

Levar o trabalho para casa não dera muito certo no passado.

Djean se sentia feliz, se sentia realizado, não totalmente realizado, mas o mais realizado possível. Graças as constantes brigas de seus pais por conta do alcoolismo, ele ficara traumatizado e nunca tivera um relacionamento realmente sério.

Tinha casos, muitos casos. Mas nada mais que uma noite ou outra, nunca foi boêmio e odiava perder noites de sono. Não bebia e nem fumava,

achava todos— que eram escravos dessas drogas —, uns perfeitos idiotas. Ele era um rapaz cheio de sonhos, mas não acreditava no amor.

Quando criança— antes de seu pai piorar e começar a espancar sua mãe —, Djean era cheio de sonhos, sonhava com uma vida melhor e isso ele já conseguira, mas também sonhava em encontrar um amor, alguém com quem se pudesse dividir a felicidade, os problemas e uma vida inteira. Com o passar do tempo ele mudou...

Seus pensamentos eram uma confusão constante. Passou em frente a uma loja de roupas de marcas— sem a menor vontade de comprar nada —, e pela vitrine apenas se certificou de estar devidamente alinhado.

Sorriu para o cara refletido no vidro, um homem forte, alto e de um olhar penetrante— sempre jogava esse tipo de olhar para as futuras sócias da

PERIGOSAS NACIONAIS

empresa onde trabalhava e sempre funcionava —, muito provavelmente esse fora o motivo de ter sido promovido. Alguns colegas de trabalho o invejavam, estava na empresa há menos de três meses e já havia sido promovido.

Edwin um veterano, trabalhava lá há mais de vinte anos e nunca fora promovido. Passou toda sua vida na pequena sala de contabilidades com o nariz enfiado em um mundo de papéis. “Era uma pena ele não ter o seu rosto”, pensou enquanto se dirigia ao estacionamento no fim do expediente.

Djean entrou em seu Land Rover prata a fim de chegar o mais rápido em sua casa, tomar um belo banho e depois relaxar escutando algum clássico— dos quais ele não gostava realmente, mas achava fino, achava melhor que músicas pesadas, as mesmas que seu pai exibia com orgulho vários CDS.

PERIGOSAS ACHERON

Ligou o GPS a fim de encontrar um atalho. “O tempo é muito precioso”, pensou. Djean priorizava a pontualidade. Ele sorveu mais um generoso gole de seu expresso e fechou os vidros. A chuva começara a bombardear o carro.

O destino é irrefreável...

Se tudo não tivesse ocorrido como o planejado. Se ele tivesse atrasado para chegar ao trabalho ou ficado mais dez, cinco minutos com sua irmã no café, se ele não tivesse entrado na interestadual. Mas...

Djean acidentalmente deixou o café expresso cair sobre sua pasta— ainda entreaberta.

—Maldição! —Proferiu. Abaixou-se tentando salvar o que podia de seus documentos.

Quando ergueu o rosto novamente para a pista viu tarde demais um volvo preto se aproximar — o motorista estava levemente embriagado, voltava da PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

casa de um amigo, assistiram a uma gravação dos Red Sox, mas não foi isso a causa de sua distração. Ele estava sem dormir há cerca de cinco dias, era caminhoneiro, seu caminhão havia dado problemas, então estaria de folga até na quarta-feira.

Quando Djean girou furiosamente o volante— após constatar que nada mais dava para ser salvo, que teria de recomeçar tudo de novo. —, era tarde demais.

Não havia tempo de desviar do volvo. Ele pareceu não sentir dor alguma, foi tão rápido... O seu carro girou e girou mais ou menos quinze cambalhotas, e quando finalmente parou ele se viu preso ao cinto de segurança.

O sangue— de algum lugar de sua cabeça —, escorria morno pelo seu rosto formando uma linha grossa e escarlate.

Vários motoristas que presenciaram o acidente

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

vieram ao seu socorro para tentar ajudar, o motorista do volvo não sobreviveu, seu carro explodiu quase que instantaneamente.

As gotas de chuvas insistentes açoitando as chamas ao longe foram às únicas imagens que os olhos cor de avelã de Djean presenciaram. Depois tudo começou a vira névoa, tudo se deslocou, as pessoas, as vozes, tudo se desmaterializou.

PERIGOSAS ACHERON

CAPITULO 2

—Garota! Olhe para mim. —A mulher loira de cabelos curtos e brilhantes sibilou alegremente. —
Acha que arrumei aquele belo marido e os belos filhos ficando em casa, criando raízes?

A garota de cabelos acobreados soltou um esboço de sorriso.

—Presumo que não. —Murmurou.

—Você precisa de um namorado, urgente! Estou cansada de ver você por aí, tristonha e desgarrada.

—Saiu da sala.

Melissa não se sentia sozinha, muito menos solitária, estava no auge de sua carreira. Era uma conceituada escritora de romances, apesar de sua pouca idade. Aos vinte e dois anos construía uma casa dos sonhos de qualquer adulto, era autora de alguns best-sellers do New York Time, realizara a maioria de seus sonhos. Apenas não tinha sorte no amor. Seu último namorado, Chase, era a prova disso.

Ela o pegara na cama com sua ex melhor amiga, Carly, mas isso não a afetou. Ela não o amava realmente, estava com ele apenas pela publicidade.

“Uma escritora romancista e solteira? Não é bom para sua imagem.” Dizia sua agente Debby.

Melissa foi até o closet de sua amiga e se olhou no espelho, estava tão pálida. Devia sair— era fácil, só tinha que tentar. —, desde pequena sempre fora

sociofóbica, seu pai dizia que ela era antissocial. Talvez fosse...

—Qual o problema de não querer me socializar com todo mundo? —Perguntou a si mesma.

Ela não era do tipo esquisita. Quando tinha de promover seus livros, se socializava facilmente. Sorria, flertava e brincava alegremente nas noites de autógrafos, mas sua adolescência fora meio conturbada e por isso ela havia se fechado.

Abriu sua bolsa e pegou um cigarro e o acendeu na primeira tentativa. Ela foi até a varanda — sua amiga odiava que ela fumasse, ainda mais dentro de casa perto das crianças.

Melissa olhou além sem ver nada, realmente. Gostava de ficar na varanda de sua casa ou qualquer outra e apenas fumar seu cigarro. Nunca fora de beber muito, apenas em ocasiões especiais. Bebia socialmente vinhos e espumantes para

socializar.

A chuva ainda estava forte, chovia há mais de uma semana. Sempre odiava o verão, pois ele era composto na maior parte por chuvas. Após terminar seu cigarro ela entrou, sua amiga Sonya ninava sua filhinha— era a mais nova dos quatro filhos —, Melissa se aproximou da porta e se despediu em silêncio, não beijou e nem abraçou nenhuma das duas. Pois a criança tinha asma e não se perdoaria se o cheiro impregnado do seu cigarro a fizesse mal.

Já no carro ela dirigiu até sua casa. Abriu a porta sofregamente e depois simplesmente se sentou no sofá e esperou. Seu cabelo e sua roupa molhada ainda pingavam, mas ela não se importou, até que se secaram por si só. A noite ela tomou um demorado banho e preparou macarrão instantâneo, se Sonya a visse agora, ficaria histérica.

PERIGOSAS NACIONAIS

Depois de comer seu macarrão de qualquer jeito ela foi até seu quarto e olhou para as fotografias penduradas na parede. Havia apenas dois retratos uma dela criança, outra com sua mãe em uma sessão de autógrafos. Sua mãe parecia tão feliz—aliás, sua filha única havia realizado seu maior sonho e publicado seu primeiro romance e obtivera um grande sucesso.

A mãe de Melissa não morrera, estava em uma clínica. “Manicômio”, seu pai dizia. Ele morrera há uma semana em um acidente de carro na interestadual. A filha perdera a conta de quantas vezes o avisara sobre os perigos de dirigir alcoolizado, mas agora não importava nada importava mais. Ela chorara muito, e se sentia só agora.

No mundo tinha apenas Sonya, que não poderia lhe dar sua atenção por tempo integral, pois ela

PERIGOSAS ACHERON

tinha família e filhos. As lágrimas começaram a escorrer pelo seu rosto, mas ela as limpou rapidamente. Graças a esses acontecimentos ela se isolou ainda mais do mundo. Não abria nenhuma janela— não que o fizesse antes —, não atendia a porta ou sequer saía para comprar pão. Sonya às vezes comprava ou levava para ela rosquinhas e biscoitos veganos e caseiros, que ela mesma preparava.

Melissa precisava começar a escrever um romance. Tinha assinado um contrato com uma grande editora— um amigo a tinha indicado —, mas não havia escrito nenhuma página.

Mas queria uma hora melhor do que aquela? Aproveitou o silêncio da noite e ligou o notebook, abriu o Word. Começou criando o sumário, ela sempre fazia assim. Escreveu algumas palavras sem sentido, mas nada empolgante ou que valesse

PERIGOSAS NACIONAIS

realmente a pena ser lido.

Desistiu por fim.

Arrumou a cama e se deitou.

Não sabia onde estava, ou que horas seria, mas o lugar lhe agradou. Respirou fundo e caminhou.

Bem a sua frente havia um casal de namorados. Um rapaz loiro afagava os cabelos da garota em seu colo. Seus cabelos eram de um dourado quase tão ofuscante quanto o sol e seu corpo era bem definido e bronzeado.

Não soube por que continuou ali, apenas o fez. Os observava com certa curiosidade, ela invejava a garota e invejava o amor que os dois demonstravam um com o outro. Era como se aquilo nunca fosse acontecer com ela. Todas suas amigas de escola estavam grávidas ou casadas a essa altura e ela? Ainda estava com o primeiro namorado do ensino médio.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

E que havia provado ser um completo babaca. Ela começou a se aproximar lentamente, e pôde ver um pedaço do cabelo vermelho aceso da garota. Mas antes que se aproximasse o bastante o rapaz se virou e olhou bem no fundo dos olhos, por cima do ombro.

Ela perdeu o ar...

Acordou arfante na cama, limpou a linha de suor que havia se formado em sua testa e se levantou. Tomou um banho e vestiu seu suéter verde— sua mãe havia feito especialmente para ela e lhe dado de presente no natal passado.

Aquele sonho parecera ser tão real que ela decidira que aquilo era um tipo de sinal. Era a história que ela necessitava. Em sua cabeça foi formulando um enredo no qual o rapaz de cabelos dourados e olhos gentis aparecesse.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

CAPITULO 3

Já no Word uma história tomava forma. Ela descreveu o rapaz igualmente como ela havia visto no sonho. Todos os detalhes. Terminou o primeiro capítulo antes mesmo do almoço. Preparou outro macarrão instantâneo e o almoçou.

Alguém bateu em sua porta.

Seu coração se acelerou, ela deslizou pelo piso de linóleo usando apenas meias e não produziu

PERIGOSAS NACIONAIS

nenhum barulho, olhou através do olho mágico. Era um entregador, e conseqüentemente segurava uma caixa parda.

Ele bateu novamente.

—Pode deixar ai na porta! —Gritou.

—Moça. Preciso que assine isto. —Ergueu um bloco e uma caneta.

Melissa suspirou.

—Coloque o papel por debaixo da porta. —Falou alto.

—*Sério?* —ficou confuso, mas se decidiu rapidamente ao checar seu relógio no pulso. — Tudo bem. —Gritou de volta.

Melissa pegou o papel e o assinou. O rapaz meio confuso deixou a caixa de frente à porta e se foi. Esperou alguns minutos até ter certeza que o rapaz partira realmente, abriu a porta e pegou o pacote.

PERIGOSAS ACHERON

Já dentro de casa o abriu, era uma casinha de cachorro portátil. Ela a montou e sentou-se no carpete a observando. O pacote não continha o remetente, apenas o destinatário. Aquilo era muito esquisito, mas se tratando da própria vida esquisitices era o que não lhe faltavam. Lembrou-se da vez que um fã perturbado havia lhe enviado todas suas cuecas usadas.

Ela abandonou a casinha no canto da sala e foi para o notebook precisava escrever, aquela casinha de cachorro lhe dera uma grande ideia. O seu protagonista charmoso teria um cachorro, só ainda não sabia qual seria a raça.

Antes que pudesse pensar em uma o telefone tocou.

Ela esperou uns segundos e atendeu.

—Alô, Mely. A casinha chegou? —Era Sonya.

—Chegou...

PERIGOSAS NACIONAIS

—Não fez nenhum escândalo ou nada do tipo com o cara da entrega, não é?

—Não. —mentiu. —Por que a casinha, até onde eu sei não tenho nenhum cachorro...

—É que uma amiga pediu que eu cuidasse do cão dela por alguns dias e eu prometi, mas havia me esquecido que tenho crianças alérgicas.

—Não estou gostando...

—Mely. Você mora aí sozinha, tem um bom espaço e só te peço isso, é por alguns poucos dias...

—Mas e o lar de animais? Conheço um bem legal...

—Esse cachorro é muito importante para essa amiga minha...

—Pensei que eu fosse sua amiga! —Falou ofendida. “Se o cão era tão importante para essa tal amiga então por que *ela* não cuidava dele?”

—Mely você é, mas tenho outras amigas. —

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Gargalhou do outro lado da linha. —Por favor?

Preciso de sua ajuda. Por favor...

—Tudo bem.

—Mando o cão para aí ainda hoje?

—*Sim*. —Respondeu hesitando. —Mas não mande nenhum desconhecido trazê-lo, ok?

E desligou.

Melissa se sentou no sofá e esperou. Minutos depois alguém bateu na porta, ela olhou no olho mágico antes de atender, era o filho mais velho de Sonya. Que tinha por volta de seus dez anos.

Abriu a porta.

—Está sozinho, Matt?

—Não. Meu pai está me esperando no carro. —

Gesticulou com a mão esquerda e com a outra segurava a coleira de um enorme cachorro da raça Retrievers Labrador. Era imenso, ela segurou sua

PERIGOSAS ACHERON

coleira e o colocou para dentro. —Espere.

O garoto correu até o carro de seu pai e retornou com um pacote cheio de biscoitos e um saco de ração. “Minha mãe pediu que se alimentasse o melhor possível, tome café de manhã e no horário certo”, falou. Ela quase pôde ver Sonya em Matt lhe dando ordens de como viver etc... Como se ela ainda fosse uma criança.

Melissa pegou os pacotes os colocando sobre o sofá, depois se despediu de Matt.

O cachorro estava sentado em seu carpete, ela teve medo de que ele urinasse ali, então o colocou em um quarto repleto de amontoados. O serviu com água e ração, ela o deixou se alimentando e foi escrever mais.

Na madrugada ela ainda estava no notebook, já passava das duas da manhã, mesmo bocejando a cada cinco minutos, insistia que devia continuar ali.

Já até se esquecera do cachorro. No romance ele se chamaria cake então resolveu chama-lo assim, pelo menos enquanto ficasse em sua casa.

Adormeceu então. Debruçada sobre o notebook. Teve um sonho bastante conturbado até que antes de amanhecer acordou. Seus olhos ainda sonolentos vasculharam ao redor até que pararam em uma figura que não estava ali antes.

Era um rapaz, estava sentado em seu sofá e a olhava com curiosidade. Seu cabelo dourado estava desgrenhado e usava terno e gravata. Tinha cara de executivo. —após uma noitada na balada.

Melissa não entendeu como ele poderia ter entrado, ou por que estava ali.

Lembrava-se de ter trancado todas as portas. Ele ainda a olhava fixamente sem piscar, ela se levantou devagar e fechou os olhos, inspirou e expirou. Abriu os olhos e ele continuava ali. Então

ela gritou, ele também gritou, e gritaram sincronizadamente.

—Quem é você e o que faz em minha casa? —
Gritou.

—Quem é você? —Se levantou. Ela então percebeu que ele devia ter pelo menos um e noventa oito, porque fez com que seus um e sessenta e oito parecessem nada.

—Como entrou em minha casa? —Tremeu. —Vou chamar a polícia! —Alcançou rapidamente o telefone.

—Não! —Correu em sua direção a fim de pegar seu telefone. Melissa correu por todos os cômodos até que tropeçou no tapete de seu quarto, quando caiu bateu com a cabeça na penteadeira e desmaiou.

Quando acordou já era dia. Sentia uma forte dor na nuca, foi até o espelho e se examinou havia um pouco de sangue seco. Ela se despiu e ligou o

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

chuveiro. Aquele sonho parecera mesmo real. Devia começar a se alimentar direito e não ficar tanto tempo no computador.

No almoço sua cabeça ainda doía, pegou analgésico e tomou. Deus quisera que passasse. Comeu alguns biscoitos antes de procurar por Cake o cão. Ela o encontrou mordendo algo. Trocou sua água e afagou sua barriga. Ele pareceu gostar dela.

Então ela se lembrou do que havia acontecido de madrugada, o homem que estava em sua casa e que correra em se encalço até que ela desmaiou. Seria aquela casa assombrada? Não fazia muito tempo que ela havia construído a casa, talvez o terreno fosse amaldiçoado ou coisa do tipo.

Ela brincou mais um pouco com o cachorro e depois preparou o almoço. Não era o mais saudável...

A noite se sentiu inspirada a escrever, ligou o

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

notebook e se sentou. A casa estava imersa na escuridão, ela gostava assim, mas quando acendeu o abajur teve uma grande surpresa. O homem havia retornado.

Ela não mexeu um músculo sequer apenas o encarou e ele também.

—Ai meu Deus! —Exclamou baixinho.

Ele se levantou e se aproximou, ela apenas se afastou até que seu corpo bateu contra a parede.

—Quem é você...? —Sua voz era grave.

—Meu nome é... —Falou tremulamente. —Mely...

—Mely?

—Melissa Furman e você?

—Eu... —A olhou confuso. —Não sei quem eu sou...

—É mesmo? —Olhou para o telefone. —Como entrou aqui de novo?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele não respondeu.

Então sem pensar duas vezes ela correu até o telefone, ele percebendo sua ação correu atrás dela.

—Não tente me impedir vou chamar a polícia! —
Gritou.

—Não! —Suas mãos foram de encontro ao telefone, mas passou direto. Como se ele pudesse atravessar coisas. Ele ficou inerte.

—Ai meu Deus! —A jovem gritou, Ela correu para o quarto e se trancou.

A polícia chegou com pouco menos de dez minutos.

—Tudo bem. —Repetiu. —Mas o que realmente de fato aconteceu, senhorita Furman?

—Eu já disse... —Tremulou. —Eu estava na sala abrindo o notebook e ele simplesmente estava lá me esperando no sofá. E ontem ele também estava

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

no mesmo lugar, eu não sou louca! —Falou histérica.

—Eu não disse isso. Você deixou a casa aberta?

—Pela última vez eu não deixei. Ele entrou do nada eu não sei por onde! Só sei que entrou!

—Eu fiz um boletim, mas creio que não posso fazer mais nada além de mandar um policial fazer rondas pelo bairro. Furman!

—Sheriff. Eu não sou louca eu vi...

—Eu não disse que *era* senhorita Furman.

Para o sheriff Browman aquela mulher estava bastante louca. Ele sabia de sua mãe doente e também acreditava que todos os escritores tinham um parafuso a menos. Já que inventavam mundos, pessoas, cidades, por que não inventariam invasores? Para Browman não passava de um bando de loucos, mas ele resolveu guardar essa

PERIGOSAS ACHERON

opinião para si mesmo.

—Mas está me olhando como se eu fosse. —Se aconchegou no sofá. O homem terminou o boletim e prometeu que um de seus homens ficaria de olho por ali e recomendou que ela instalasse um alarme de segurança.

Sua amiga Sonya chegou instante depois.

—Fiquei preocupada com você. Os vizinhos disseram que havia um carro de polícia aqui...

—É um cara entrou aqui e me assustou só isso...

— *Só isso?* Como ele entrou e o que queria?

—Eu não sei. —Falou cansada.

—Será que é algum perseguidor? Um fã talvez...?

—Não ele nem sabia quem eu era... Não sei, eu preciso muito descansar.

—Quer passar a noite lá em casa?

—Não, tudo bem. Eu não quero incomodar e

também tenho o Cake.

—Cake?

—O cachorro, eu percebi que não tinha um nome e aí...

—Oh que bom, pelo menos terá ele. O cachorro não latiu ou não percebeu o invasor?

—Não! —Respondeu.

Sonya ficou lá por pouco tempo, já que seu bebe sentiria sua falta. Tentou levar consigo Melissa, mas ela insistiu em ficar. Sonya se sentia protetora quanto a Mely, desde que sua mãe fora internada e seu pai morrera ela ficara sozinha.

Ela nunca fora popular na escola, menina de poucas amizades, sempre parecia triste. Sonya decidira cuidar dela e ajudá-la— não que precisasse tanto, já que era bem-sucedida, mas necessitava de alguém. Para Sonya ninguém merecia passar a vida

PERIGOSAS NACIONAIS

sozinha.

PERIGOSAS ACHERON

CAPITULO 4

Uma semana inteira se passou e o rapaz loiro não retornou. Desde seu sumiço Melissa não escrevia nada, se trancou no quarto por dias e apenas saia para alimentar Cake.

Sua caixa telefônica estava lotada de mensagens preocupadas de Sonya. Melissa finalmente saiu do quarto, seu cabelo estava todo desarrumado e há dias não tomava banho. Tinha medo de que quando

PERIGOSAS NACIONAIS

o fizesse o homem fantasma aparecesse.

Foi até a geladeira e a encontrou vazia, então decidiu que escreveria. Acendeu as luzes da casa inteira e se sentou para escrever.

—O que tanto escreve aí? —OuvIU uma voz atrás de suas costas.

Seu sangue gelou e ela se virou devagarmente.

—*Você...*?

—Óbvio. Quem mais seria? —Sorriu.

—Está bem. —Levantou-se e o encarou. Ele estava com o mesmo cabelo desganhado e o terno, relativamente impecável como da última vez.

Agora ela tinha certeza de que ele era um espírito ou fantasma. —Caminhe para a luz... Caminhe para a luz!

—Esta brincando, não é? —Debochou.

—Não, não estou! Saia já da minha casa! —Gritou.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

—Não... Eu não posso...

Melissa o olhou. Ele encolheu os ombros e olhou para o chão. Quando os olhos dele encontraram os dela, eram olhos confusos.

—Por quê? Por que não pode? —Abaixou o tom de voz.

—Eu não sei quem eu sou não sei para onde devo ir e... Não sei... Só você... —Se aproximou.

Ela deu dois passos para trás.

—Só eu o que?

—Só você consegue me ver mais ninguém...

Melissa não sabia direito, mas aquilo mexeu com ela. Ela se sentiu estranha e ao mesmo tempo especial. Estranha por poder falar com fantasmas e especial por ser a única que podia.

—Precisa me ajudar a...

—Não! Você precisa ir embora! Por favor.

PERIGOSAS ACHERON

Ele abriu a boca para falar algo, mas então desapareceu.

Ela se sentiu feliz por isso, felizmente ele havia ido embora, e encontrado o próprio caminho. Tinha entendido que ela era apenas uma escritora e não uma média. Aproveitou e tomou um demorado banho e desembaraçou o cabelo. Olhou-se no espelho e achou engraçado como seus olhos verdes escuros mudavam de cor, e às vezes se tornavam cor de mel.

Brincou com Cake e foi para cama. Ficou um pouco frustrada por não ter escrito nada sobre seu romance, mas logo pela manhã ela compensaria.

De manhã ligou para Sonya a tranquilizando, disse que estava tudo bem e que já havia resolvido o problema sobre o tal fantasma. Arrumou-se para sair, estava um dia quente e abafado. Então ela optou por um vestido leve e solto florido, ela se viu

dura na porta até que criou coragem para dar o primeiro passo para fora.

Teria de ir ao mercado fazer compras, e ela odiava supermercados. Mas lhe pareceu a coisa mais normal a se fazer. Ao chegar lá não se demorou, comprou o que necessitava passou o cartão e recolheu suas sacolas.

—Quer ajuda? —Um homem se ofereceu.

—Não. —Ruborizou-se. —Obrigada.

Já não bastava ter acabado de enfrentar um mar de gente no mercado agora esse homem ainda aparecia para incomodá-la.

—Minha nossa! Você é Mely Furman, não é? —
Uma senhora falou euforicamente.

Melissa sorriu tentando disfarçar seu desconforto.

—Pode assinar o meu livro?

—Claro. —Tentou ser cortês. Assinou o livro

tremulamente, seu rosto sorridente estava na capa do livro, era de seu último romance. Havia vendido milhões. Despediu-se da mulher e colocou seus óculos escuros para que mais ninguém a reconhecesse.

Agradeceu por ter chegado sã e salva em casa e se trancou, guardou tudo em seus devidos lugares e foi direto para o notebook escrever. No final da noite havia criado três capítulos, ficou orgulhosa de si mesma. Havia ido ao mercado sozinha e feito render-lhe o dia.

Decidiu que daria um banho em Cake. Entregou um brinquedinho verde a ela — que havia comprado especialmente para a cadela. Ela descobrira que era fêmea, não mudou o nome porque ele era unissex a seu ver.

O telefone tocou, era sua agente Debby.
—Como vai o nosso novo best-seller?

PERIGOSAS NACIONAIS

—Já criei três capítulos. —Falou orgulhosamente.

—Que notícia ótima, eu agendei uma entrevista para você daqui um mês com a Oprah.

—Oprah?

—Sim. Não é fantástico? Seu livro será um sucesso. Essa mulher é fantástica.

—Odeio dar entrevistas...

—Não venha com essa Furman! Está precisando de algo?

—Não. Eu estou bem. —Falou cansada.

—Sonya me contou que... —Se interrompeu. —
Acredito em você, boa sorte com o livro. Beijos. Se precisar de algo não êxito em me ligar.

E desligou.

Debby era uma ótima agente. Conhecia bem Melissa e sabia que ela odiava ser questionada sobre sua vida e mais que tudo odiava falar em

PERIGOSAS ACHERON

público. Seria uma façanha se ela aceitasse de fato ser entrevistada ao vivo.

Melissa já ia se deitar quando ouviu seu cachorro fazendo festa no quarto. Ele parecia estar ainda mais feliz do que quando ela afagava seu pelo ou lhe dava comida. Ela correu até o quarto e o rapaz fantasma brincava com o cachorro, como se fossem íntimos.

Ela se deteve na porta, não ousando interromper. Até que ele parou subitamente ao vê-la.

—Ela também me vê. —Sibilou.

—O que está fazendo com o meu cachorro?

—O que?

—Meu cachorro, Luna é o nome dela. Está na coleira. —Melissa revirou os olhos e foi até “Cake” conferir sua coleira. E realmente estava escrito Luna. Não havia telefone ou endereço apenas o

PERIGOSAS NACIONAIS

nome.

—Como? Esse cachorro não é seu, ele é de uma amiga da minha amiga.

—Ah é? Explica por que ela me vê e gosta de mim e por que simplesmente quando eu a vi lembrei seu nome?

—Não sei. Pode estar me enganando e olhou a coleira dela...

—Como eu o faria? —Debochou. —Eu atravesso as coisas, pessoas...

—Eu não mandei que fosse embora?

—Eu tinha ido, mas não gosto de ficar vagando por aí...

—Ah! E então resolveu que irá me perturbar para o resto da vida? —Colocou as mãos nas cadeiras.

—Eu preciso que me ajude...

—Por que eu? Será que estou louca? Deixe-me em

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

paz! Vá para a luz... —Gesticulou teatralmente.

—Se quer que eu vá? Então me ajude. —Enrugou a testa.

—Não sou média. Ai que loucura. Você está morto?

—Não sei. Não me sinto morto, me sinto muito vivo. Pareço morto?

Melissa o olhou detalhadamente e se deu conta... Os cabelos dourados, o corpo forte, a altura as feições. Ele era o mesmo homem que estava em seu sonho e o mesmo que deu vida a seu personagem.

—Sei quem você é. —falou cautelosamente, ele esperou. —É meu personagem Cristian, eu sonhei com você há alguns dias.

—Personagem...?

—É eu sou Melissa Furman, sou uma escritora. E é sobre você que eu escrevo. Você é fruto de minha

PERIGOSAS ACHERON

imaginação, presumo.

—Interessante. —sorriu. —Então eu sempre vou existir? Ou se você me matar em seu livro eu irei sumir... Desaparecer?

—Não sei... —Ele pareceu desapontado e sumiu.

Melissa correu até o telefone, sem importar que já se passasse de meia-noite e ligou para Sonya.

—Ele voltou. —Foi à primeira coisa que falou quando ela atendeu.

—Quem voltou? —Falou sonolenta.

—O fant... O cara. Ele é um personagem meu que ganhou vida.

Ouve um silêncio.

—Mely. Acho que você está precisando dormir, amanhã irei até ai... Boa noite.

Desligou.

Melissa quase se arrependeu de ter lhe contado,
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

agora ela acharia que ela estava louca. Deitou-se na cama e esperou pelo rapaz novamente, mas ele não voltou a aparecer. Ela adormeceu rápido.

PERIGOSAS ACHERON

CAPITULO 5

De manhã bem cedo Sonya já estava lá.

—Me conte isso direito. —Pedi.

—Foi o que eu disse eu descobri que ele é um personagem. A única explicação. —dizendo isso o rapaz reapareceu atrás de sua melhor amiga.

Melissa gritou. —Nossa ele está bem atrás de você.

—Ai meu Deus! —Sonya se virou, mas não viu nada. Começava a duvidar da sanidade de Melissa.

—Não vejo nada, Mely.

—Mas ele está aí. —Garantiu.

PERIGOSAS NACIONAIS

—Sabe Mely. Andei pensando... Sua mãe ficou doente e agora o seu pai morreu, você sempre teve uma adolescência conturbada... Acho que devia procurar um psicólogo.

—Acha que eu estou louca?

—Não, claro que não. Você está cansada, pálida e olhe suas olheiras. Não tem dormido, precisa descansar e ainda tem mais de um mês para terminar seu livro. Não seja tão ansiosa.

Nisso o rapaz havia desaparecido, Melissa ponderou calada até que respondeu:

—Vai embora.

—O que? —Sonya não acreditava no que acabara de ouvir.

—Eu disse vai embora, por favor? Vou descansar...

—Tudo bem, mais tarde eu te ligo.

Sozinha Melissa começou a pensar no seu

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

passado. Lembrava-se de quando sua mãe a levava no parque e a empurrava no balanço, ela era tão feliz. Talvez nunca mais fosse tão feliz novamente. Ela almoçou e logo depois tomou um banho e resolveu assistir algo na TV. Passava Oprah, seria interessante vê-la para que treinasse para sua futura provável entrevista.

Quando acabou ela foi até onde Cake, que na verdade era Luna, estava.

—Cristian...? — Esperou. —Cris...

—Olá. —Ele surgiu magicamente.

—É interessante isso... —Ponderou.

—Não me diga. —Olhou em volta, depois inclinou a cabeça para o lado. —Quer dar uma volta? — Indagou.

Aquilo lhe pareceu a maior loucura que já ouvira.

—Quero. —Sibilou.

PERIGOSAS ACHERON

Ela pegou um casaco leve e saíram. Ela sorriu quando ele atravessou a parede em vez de usar a porta. Os dois começaram a caminhar pela silenciosa rua quando a noite já havia caído. A noite estava parcialmente calma. Ocasionalmente podiam ouvir o som do motor de algum carro ou conversas distantes. Quando um carro passou por eles os cegando com o farol, Cristian ficou totalmente assustado e Melissa Percebeu isso.

“Era como se ele tivesse um tipo de trauma”, pensou.

Ela o examinava e pegava cada detalhe de seu rosto para colocar em seu novo romance. Quando chegou ao Central Parque ela se sentou em um balanço e ele parou a encarando.

—Qual é meu papel no seu livro? —Indagou.

—Você é um executivo bem-sucedido e irá se apaixonar por Elektra. O resto... Ainda não sei.

—Será que ela também vai aparecer? Digo. Por aqui neste plano?

Ela sacudiu a cabeça. Esperava do fundo do coração que não. Será que ele se apaixonaria por ela?

—Não sei. —Admitiu. —Mas acho que não seria legal já que você já me arranhou problemas de mais. —Brincou.

Mas ele não sabia disso.

—Desculpe por ter feito com que sua...

—Amiga. —Respondeu.

—Que sua amiga te achasse louca.

—Tudo bem. Eu não sou muito popular mesmo... Diga-me Cristian o que faz quando não está aqui comigo?

Ele ponderou.

—Eu sumo, desapareço. É como se eu não

PERIGOSAS NACIONAIS

existisse. Eu não entendo a única lembrança que tenho é de você quando te vi pela primeira vez e depois... —Suspirou.

—Entendo. Deve ser difícil... Às vezes eu me pergunto se sou maluca...

—Você não é. —Sorriu. —Quantos anos você tem?

—Vinte e dois.

—Tem namorado?

Melissa ruborizou-se, sentia tão estranha falando de sua vida pessoal. Mas não se importou já que ele era um fruto de sua imaginação.

—Não. O último que eu tive não deu muito certo...

—Por quê? —Quis saber ao mesmo tempo em que chegaram a um parque.

—Eu o peguei na cama com outra... —Aquilo lhe doeu muito, mas falar para Cristian lhe proporcionou um grande alívio.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

—Ele era um idiota então. —Olhou dentro de seus olhos. Seu coração acelerou-se, ele parecia tão real, seus olhos tinham um brilho especial. Ela se sentou no balanço mais próximo a fim de se distrair. —Eu aprendi a fazer uma coisa. —Deu a volta e se postou atrás de seu corpo ela ia se virar até que ele empurrou o balanço.

Antes que protestasse, ela se sentiu tão bem quanto ficava quando sua mãe o fazia, ela se lembrou de sua doce infância. Todos seus problemas desapareceram por um momento, sua cabeça pendeu para o lado enquanto ela curtia a brisa.

Ela olhou para seus pés e eles se moviam, era como se uma força a empurrasse de verdade, ela se assustou e pulou.

—O que foi não gostou?

—Não é isso, preciso ir para minha casa.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ela andou depressamente, como de se esperar ele a acompanhou. Quando estavam próximo á um beco escuro, dois homens grandalhões bloquearam sua passagem. Melissa sentiu seu coração dar um solavanco e deu meia volta, mas continuou sendo seguida.

—Cuidado! —Cristian falou baixo.

—Que *merda*. Eu estou com medo, o que devo fazer? —Sussurrou.

—Não sei... Mas eles querem te fazer mal eu sinto isso.

Melissa não gostou nada daquilo. Por que ele falara aquilo? Ela já não estava assustada o bastante?

Ela começou a correr e seus perseguidores também. Encurralada em outro beco percebeu que não tinha escapatória.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

—Se gritar eu corto sua garganta, vadia! —O maior lhe apontou um canivete que faiscou com a pouca luz. Seu coração quase saiu pela boca, teria um infarto. Agora todos os anos que ficara em casa em vez de sair para baladas, o medo que tinha das pessoas realmente lhe fez todo. O mundo era mau.

Cristian apareceu, ele tentou golpear os bandidos, mas suas mãos os atravessavam. Ele então foi até perto da lata de lixo e a chutou, ela rolou pela sarjeta. Os homens olharam rapidamente, mas não se importaram já que não havia ninguém.

—Melissa diga a eles que você é uma bruxa, invente algo. Peça que deixem você em paz!

—Chegue perto e eu machuco vocês! —Tremeu.

Os dois gargalharam.

Então ela ergueu a mão em direção a uma lata de lixo, Cristian sorriu ao entender e a segurou. Ele a ergueu devagar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Para os dois bandidos aquela lata de lixo flutuava. Ela apontou bruscamente em direção aos dois e Cristian então lançou a lata sobre eles. A dupla lhe lançou um olhar extremamente assustado antes de desembestarem para longe.

Cristian e Melissa foram embora ao som de muitas risadas.

—Nunca me diverti tanto assim, aquilo foi tão ridículo... —Gargalhou trancando a porta. — Obrigado. Não sei o que seria de mim sem você Cris.

—Cris?

Sorriu.

—É. Cris.

PERIGOSAS ACHERON

CAPITULO 6

Melissa acordou logo cedo e sentiu falta de Cristian. Ela alimentou Luna e preparou seu café. Sonya ligou perguntando sobre suas visões de fantasmas e ela mentiu dizendo que não o via mais. Estava cheia de ser chamada de louca.

Sentia-se preocupada. Na noite anterior vira o balanço se mover “sozinho” e as latas “flutuarem”,

será que havia imaginado tudo aquilo? E os perseguidores, pura imaginação? Talvez ela estivesse mesmo enlouquecendo. Nunca havia se questionado sobre isso, mas não seria surpresa. Já que sua mãe quase colocara fogo na casa alegando que queria purificar o lar—isso fora a gota d’água para que seu pai a colocasse na clínica.

Foi até a gaveta do armário de cozinha e pegou o cartão da antiga psicóloga de sua mãe. Hesitou antes de ligar, mas o fez. Ela disse que queria marcar uma consulta, a doutora Merly— esse era o seu nome —, disse que tinha muitos pacientes e que passaria o número de outra psicóloga.

Melissa o anotou, seu nome era Valerie. Decidiu que ligaria mais tarde. Foi até a cozinha preparar algo— antes soltou Luna para poder passear do lado de fora onde havia cercado. —, Cristian apareceu ao lado do fogão.

PERIGOSAS NACIONAIS

—O que vai fazer?

—Macarrão. —Mostrou uma caixa grande cheia deles, cada um de sabores diferentes.

—Me espanta que ainda não tenha morrido envenenada. —Fez uma expressão parecida com susto.

—Minha amiga vive me dizendo isso.

—Se quiser ajudo você a cozinhar algo melhor e saudável.

Ela achou aquilo realmente estranho, sua mente produzindo alguém que sabia cozinhar.

“Perfeito”.

—Eu não sei cozinhar, mas tudo bem. —

Gargalhou. Ela buscou tudo que ele . Todos os ingredientes, panelas, manteigas e assadeiras...

No final ela tinha uma mesa farta de quitutes e um almoço espetacular, não se lembrava de ter se

PERIGOSAS ACHERON

alimentado tão bem assim fazia muito tempo.

Sonya se assustou quando chegou e encontrou a mesa posta.

Melissa a convidou a sentar-se a mesa, ela estava junto a Matt. Os três comeram juntos e depois comeram a sobremesa que Sonya levara, torta de maçã.

—Que milagre é esse? Andou fazendo aulas de culinária?

—Não. —Sorriu.

Sonya esperou até que Matt fosse para fora brincar com Luna.

—Merly me contou que a procurou.

—É... Eu ainda continuo o vendo. —Falou baixo, seu sorriso havia desaparecido.

—Mely...

—Como me explica isso? —Gesticulou para a

PERIGOSAS NACIONAIS

mesa. —Ele me ajudou a preparar tudo isso. Eu não sei cozinhar, eu nunca soube você sabe disso!

—Talvez...

—Talvez o que?

—Não tenho explicação para isso, mas fico muito feliz que vá procurar ajuda.

Sonya sentiu todo seu corpo arrepiar-se.

—Acha que preciso?

—Acho que está sobrecarregada... Eu amo você e quero o seu bem. Querida. —Se levantou e foi até sua amiga, abraçando-a fortemente.

—Eu sei.

As duas ficaram assistindo TV até o fim da tarde. Sonya se despediu e Matt implorou para ficarem mais, pois havia gostado muito de Luna— se não fosse pelos irmãos pequenos asmáticos —, ele poderia ficar com o cachorro.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Mas Melissa não estava tão certa de que iria devolver Luna, nem mesmo quando a dona viesse buscar. Até porque tinha se apegado a ela e também era uma companhia a mais, além de Cristian.

Ela não contara sobre o que houve perto de um dos becos do parque, até porque Sonya não acreditaria, aliás, nem ela mesma acreditava.

Procurou em todos os cômodos por Cristian, antes de ir tomar banho. Apesar de que ele poderia atravessar paredes, mas por que tanta vergonha se ele era apenas sua imaginação?

Após sair do banho vestiu uma roupa folgada e esquentou seu jantar, comeu em silêncio. Luna pulou no seu colo e continuou enquanto ela não lhe ofereceu um bolo de carne ela não a deixou em paz. Melissa se sentia ansiosa demais então pegou um cigarro e foi para o lado de fora fumar um pouco. Uma voz masculina tossiu atrás de suas costas.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ela sorriu.

—Isso pode te matar.

—Você apareceu...

—Não sabia que fumava.

—Eu fumo às vezes, não gosta?

—Não. Isso é enjoativo... E mata. —Ele falou agourento.

—Todos nós morreremos. —Falou baixo.

Ela se sentou na grama verde e olhou além, ele a imitou.

—O que você está sentindo agora? —Perguntou.

Melissa ponderou.

—Me sinto bem...

—Eu também. Quando estou com você me sinto bem...

Ela não respondeu apenas engoliu em seco.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Seu coração havia disparado, ela nunca havia se sentido assim. Ela era louca, masoquista, ou o que? Se apaixonar por algo inexistente? Algo que ela não podia tocar? O que estava acontecendo? Antes que ela se respondesse mentalmente, ele tentou colocar sua enorme mão sobre a dela, mas atravessou.

Ele descobrira que conseguia tocar e até derrubar objetos, menos tocar os seres humanos. Ele não entendia por que havia parado justo na casa de Melissa por que ela conseguia vê-lo e ouvi-lo? E mais ninguém conseguia? E por que quando ele não estava ali ele simplesmente não existia?

Ele era realmente fruto da imaginação dela? Quem ele era? Suas mãos pousaram levemente sobre as mãos dela, não se tocaram, mas ele aproximou tanto que quase conseguia senti-lo. Logicamente que se aproximassem mais alguns

PERIGOSAS ACHERON

centímetros atravessaria a mão dela novamente.

Ele queria tanto estar no lugar de seu antigo namorado, poder tocá-la, afagar seus cabelos ruivos. Sua pele parecia ser tão macia ao toque, mas ele nunca sentiria. A verdade era que ele a desejava, a queria.

Capítulo 7

Após acordar Melissa ligou para a doutora Valerie, que aceitou atendê-la de imediato. Ela se arrumou e foi até o consultório de Valerie.

Melissa não havia percebido, mas começava a se livrar se sua sociofobia.

A atendente procurou rapidamente pelo nome Melissa Furman e logo respondeu:
—Pode subir.

Chegando lá Melissa sentiu um leve cheiro de incenso de jasmim, ela gostou. Valerie era uma mulher de cabelos loiros e feições bonitas, não

PERIGOSAS NACIONAIS

parecia passar dos trinta anos. Ela se sentou na poltrona escura. Valerie pegou um pequeno caderno de anotação de capa preta.

—Olá Melissa. —A mulher cumprimentou baixo.

—Olá.

—Ok. Podemos começar...? —A jovem assentiu.

— Você me explicou pelo telefone, mas não foi exatamente clara...

Ela respirou profundamente.

—Há alguns dias eu tenho tido alucinações. —

Suspirou. —Eu vejo uma pessoa, um cara na verdade. Ele aparece quando eu chamo e... —Não terminou.

—Você trabalha?

—Sim. Sou escritora.

—Tem dormido? —Melissa assentiu. —Usa algum tipo de entorpecentes?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

—Não.

—Na sua família tem algum histórico de problemas psicológicos?

—Não. —Melissa já se arrependia de ter ido procura-la. Ao invés de ajudar ela estava a irritando.

—Conte-me sobre as alucinações?

—Eu vejo um personagem do meu livro. Eu sonhei com ele e comecei um enredo, então ele começou a aparecer e fala comigo sempre. E ontem ele me ajudou a cozinhar, eu nunca cozinhei na vida.

—Entendi. Agora me conte como foi sua infância?

—Feliz.

—Mas sua mãe foi internada em uma clínica quando você ainda tinha onze anos.

—Enquanto ela estava bem... Foi feliz.

—E depois?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

—Eu sofri muito. —Murmurou.

—Onde seu pai está agora?

—Ele morreu alguns dias e eu não quero falar sobre isso...

—Sinto muito, mas por que não quer falar?

—Estou sofrendo...

—Melissa. Com seus pais mortos, não se sente sozinha?

Ela agradecia por estar com sua poltrona virada, pois não queria que aquela mulher a visse chorando.

—Sinto... —Falou com a voz embargada.

—Não acha que por se sentir assim, seu subconsciente inventou esse homem para preencher um vazio aí dentro?

—Não! Ele é real...

—Não é culpa sua. Quando sofremos traumas é
PERIGOSAS ACHERON

isso que acontece, é uma forma de proteção.

—Eu não o inventei. Antes eu acreditava nisso, mas ele fala e pensa por si só. Eu não sou louca! Eu não sou uma criança de onze anos que inventa um amigo imaginário para suprir necessidades, entendeu?

Dizendo isso ela se levantou pegou sua bolsa e foi embora.

Em casa correu para cama e chorou desesperadamente. Não queria acreditar no que Valerie havia dito, não era verdade. Se mais pessoas pudessem ver Cristian...

Ela correu para a sala e começou a escrever. — havia apagado tudo que escrevera e começado do zero, sentiu medo de que Cristian desaparecesse para sempre. No novo enredo ela retratava o que estava acontecendo, uma escritora romancista que se apaixonava por seu personagem que acreditava

ser real.

Cristian apareceu e arrastou uma cadeira para se sentar perto de Melissa. Ela parou subitamente de escrever. Odiava quando começava escrever e alguém a observava— sua mãe costumava fazer isso e dava algumas opiniões, outra coisa que ela odiava —, ele sorriu.

Ele também não poderia ler seu novo romance. Falava sobre ele e sobre o amor que a escritora sentia pelo... Será mesmo que ela estava apaixonada?

—O que foi? —Ele interrompeu seus pensamentos.

—Não gosto que me espiem quando escrevo.

—Desculpe. —Ela o olhou. Sentia tanta vontade de afagar seu cabelo desganhado e ajeitá-lo, queria beijá-lo, queria sentir seu calor. Ela estava apaixonada, não podia negar.

PERIGOSAS NACIONAIS

Do nada ela começou a chorar.

Ele sentiu como se seu coração invisível fosse partido, queria tanto confortá-la, ampará-la em seus braços, mas estava incapacitado.

—Por que está chorando?

—Sou uma idiota. —Ela não compreendia por que estava apaixonada. —Vai embora!

Ele não esperou que ela mandasse novamente. Quando desapareceu, ela chorou ainda mais.

De manhã acordou saltando da cama e foi até o telefone, procurou na lista telefônica e encontrou o número de um homem de um anúncio que prometia libertar a casa de espíritos. Uma alucinação não era, concluiu então que era um espírito.

Antes que se declarasse ou enlouquecesse ele precisaria sair dali.

Não demorou muito e o homem chegou. Vestia-se

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

como padre, todo de preto. Era um senhor de idade, na sua mão continha água benta.

—Olá.

—Olá. —Respondeu.

—Posso entrar?

—Claro, me desculpe. Entre, por favor...

O homem entrou colocando sua maleta sobre o sofá.

—Cristian? —Ela o chamou.

—Cristian? O espírito tem um nome?

—Bom, é que...

—Não devia ter dado um nome a ele, agora ele deve achar que vocês são íntimos e não irá sair mais daqui.

Cristian apareceu.

—Minha nossa! —Engoliu em seco. Eu sinto a

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

presença dele. —Ele está aqui.

Cristian que gargalhava antes parou subitamente. Os três ficaram imóveis.

—Consegue vê-lo? —Indagou Melissa.

—Não, mas posso senti-lo.

—Sentir-me como? —Cristian se aproximou e o homem se afastou as pressas como se visse que ele se aproximava.

—Posso sentir sua vibração espírito inquieto. Vá para a luz!

Cristian gargalhou.

—Sabia que você é a segunda pessoa que me diz isso?

—Então por que não obedece e vai?

—Espera você o ouve? —Melissa indagou curiosa.

—Esse infelizmente sim.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

—Que bom. Porque não vou embora. Eu preciso ficar aqui e entender algumas coisas...

—Que coisas? Você tem que entender que você não faz mais parte deste plano, vá para a luz e descanse espírito.

—Meu nome é Cristian!

—Não é! Você tem outro nome ou teve. Você está em segundo plano, você morreu aceite isso e vá!

Cristian simplesmente desapareceu.

PERIGOSAS ACHERON

CAPITULO 8

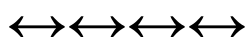
Melissa se sentiu mal pelos próximos

dois dias. Cristian não aparecera mais. Ela se sentia aliviada, mas por outro lado se sentia dolorida. Seu coração estava machucado como se faltasse um pedaço.

Sonya ligara há poucas horas atrás como se quisesse se certificar de que ela estava mesmo bem.

Melissa estava no meio de seu romance e o nome ainda estava indefinido. Ela sentia um desconforto. Julgava a possibilidade de que fora injusta com o espírito... Com Cristian, ele a salvara de um possível estupro ou assalto, mas qualquer que seja o fim seria uma pior, pensou.

Talvez ele encontrasse a luz, quando o médico disse a ele que ele havia morrido. Talvez ele tivesse se lembrado do que acontecera realmente com ele.



Andar pelas ruas de Manhattan era tão solitário ainda mais quando não se podia falar ou tocar ninguém, foi isso que Cristian pensou.

Cristian era esse mesmo seu nome? Não se lembrava. A única lembrança era de ter aparecido do nada, justamente na casa de Mely.

Ele sorriu até pareciam íntimos a chamando de seu apelido. Ele escutara Sonya chamá-la assim.

PERIGOSAS NACIONAIS

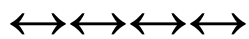
Andava sozinho pelas ruas frias e escuras— não que fizesse diferença—, mas queria poder voltar. Poderia procurar pelo médio metido à exorcista, ele conseguia escutá-lo, não era um farsante como pensara.

Mas como encontraria o homem? Devia tê-lo seguido. Poderia voltar até a casa de Mely e revirar suas gavetas, talvez encontrasse seu endereço. Não! Não voltaria, prometera a si mesmo disto. O jeito era ficar vagando até que alguma lembrança aparecesse ou uma pista. Cristian não estava cem por cento de acordo com a afirmação do médio, talvez ele fosse apenas um personagem, mas por que então ele sentia-se como se tivesse uma vida antes?

Como se tivesse tido muitas coisas antes, apenas não conseguia se lembrar. E se estivesse em um sonho? O que ele mais queria nesse exato momento

PERIGOSAS ACHERON

era acordar, ele rezou. —não se lembrava de onde ele havia aprendido, apenas o fez.



Melissa amanheceu em seu notebook, chorou mais do que escreveu. Valerie havia ligado várias vezes, estava preocupada. Mas Melissa não se importava o que ela precisava era de distração. Colocou a coleira em Luna e a levou para passear, retornou ao Central parque— era burrice ter ido lá, queria distrações e não ficar remoendo o passado —, mas não importava.

Luna começou a ser paparicada pelas crianças e a correr atrás de pombos, enquanto Mely sentou-se e acendeu um cigarro. Fumar era o único modo de extravasar, liberar algo que não conhecia...

—Ainda fumando? —Ela demorou alguns segundos para se virar.

—Pensei que estivesse bem em algum lugar bom...

PERIGOSAS NACIONAIS

—Respondeu baixo. Ela receava que alguém a visse conversando ao vento.

—Estive pensando Mely... —Ela arqueou a sobancelha, ele a chamando pelo apelido era algo novo, mas ela gostou. —E se realmente estou morto? Talvez alguém tenha me assassinado e preciso descobrir quem foi o assassino para que ele tenha uma punição e só assim conseguirei descansar em paz.

—Mas por que eu? Por que em minha casa?

—Talvez você seja média... Eu não sei. Só sei que gosto muito de você Mely...

Ela teve de erguer bem a cabeça para poder ver seu rosto, ele parecia tão angustiado— talvez igual a ela quando pensou que ele realmente havia partido —, foi impossível conter as lágrimas. Aquele rapaz precisava de ajuda e ela o ajudaria, precisava fazer.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

—Eu também gosto de você... —Ergueu a palma da mão em sua direção, ele encostou a sua na dela.

Após levar Luna de volta. Mely ligou para um velho colega de escola, seu nome era Karl— ele trabalhava em um IML —, pediu a ele que procurasse por qualquer morto do mês de agosto com tais características.

—Não estou entendendo. Neste mês centenas de corpos deram entrada aqui como eu irei saber qual...

—Eu não sei. Você se lembra de alguém de cabelos loiros, possivelmente um e noventa e oito. Assassinado...

—Não me lembro. Espere sim... Há algumas semanas teve um cara assim, mas ninguém apareceu para reconhecê-lo então o enterramos como indigente. Se quiser pode dar uma passada aqui e te mostro uma foto.

PERIGOSAS ACHERON

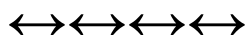
Melissa aceitou.

Ao descer do carro Cristian a acompanhava. Karl mandou que ela entrasse em uma pequena sala ao lado do necrotério, ele pegou uma pasta escura e retirou a foto. Quando ela olhou percebeu que não era Cristian, era um rapaz loiro, mas não batia com a descrição que ela queria. Um rapaz de aproximadamente vinte anos havia sido esfaqueado, mas não tinha documento consigo.

Ela se sentiu enjoada e se despediu de Karl, antes o agradecendo. Talvez precisasse procurar em todos IMLS de Manhattan.

—Eu fiquei feliz. —Cristian que estava sentado no banco de passageiro falou baixo a olhando pelo espelho. —Feliz por aquele cara não ser eu.

Ela não respondeu, mas no fundo também estava.



PERIGOSAS NACIONAIS

Sonya preparava o jantar quando alguém bateu a porta. Era sua vizinha. —Sonya não gostava muito de sua companhia já que ela adorava cuidar da vida alheia.

—Adivinha quem estava passeando pelo central parque hoje e sozinha?

Sonya tentou adivinhar, mas não passou nem perto.

—A Furman.

—O que? Mas ela é sociofóbica nata, nunca...

—Sim. E não acaba por ai. Ela estava falando sozinha e depois abriu a porta para um cachorro entrar e ficou esperando, como se esperasse mais alguém. Ela é bem mais estranha do que eu pensava.

—Ela está passando por uma fase difícil, não é culpa dela. —Sonya falou aquilo mais para si

PERIGOSAS ACHERON

mesma.

Após sua vizinha sair. Sonya teve uma ideia, ela e o marido viajariam para a casa de lago da avó de uma amiga, então poderia arrastar Melissa consigo. Talvez com novos ares ela melhorasse, não queria admitir que sua melhor amiga estivesse louca. Já havia sofrido demais a confortando com a morte de seu pai.

E Sonya a amava, e queria seu bem.

—O que tanto pensa em senhorita? —Seu marido beijou sua nuca.

—A casa de lago. Vou convidar Mely para vir conosco.

—Nem pense nisso! —Bufou.

—E por que, qual o problema?

—O problema...? Melissa é o problema! Ela é louca, introvertida e possivelmente até perigosa

para as crianças, vamos para lá a fim de descanso e não para cuidar de sua amiga psicopata.

—Ela só esta passando por uma fase difícil...

—Todos nós passamos e superamos, ela não. Ela é uma lunática! Soube que ela está passando pente fino em todos IMLS a procura de um cara morto. Ou melhor, um “possível” cara loiro. —Gesticulou.

—Não sabia disso...

—Claro que não. Karl me disse que ela estava super estranha.

—Não importa ela é minha amiga e irá conosco.

—Tudo bem se sua outra amiga aceita-la por lá, quem sou eu para dizer alguma coisa.

CAPÍTULO 9

Melissa já havia procurado em todos os lugares e ninguém batia na descrição de Cristian. Havia chances de estar em algum hospital, mas não seria possível já que ele estava ali com ela, em espírito, já devia ter morrido. E qualquer coisa que pensasse em fazer teria que ser depois do final de semana.

Sonya havia ligado a convidando para um final de semana em uma casa de lago, Melissa relutou não queria ir e ter que deixar Cristian, mas foi

PERIGOSAS NACIONAIS

persuadida. e No fim resolveu aceitar.

—Hora do banho. —Sorriu para Luna, que não lhe deu atenção.

—Ela odeia banhos. —Cristian gargalhou.

—Só pode estar brincando, comigo ela vai adora não é? —Acariciou o cão.

Era uma tarde de sol, Melissa ouvia gritos felizes de crianças próximas nadando em alguma piscina. Então aproveitando o dia ensolarado resolveu que daria um belo banho em Luna, ligou a mangueira, mas quando a água caiu em seu pelo Luna começou a correr.

Melissa tentou segurá-la, mas acabou caindo na bacia de água se ensopando. Cristian não se aguentava de tanto ri, ela tentou se vingar jogando água contra ele, mas o atravessou e isso foi mais um motivo de grandes gargalhadas.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

—Me ajuda a pegar ela! —Gritou.

—Bem que eu queria Mely. —Gargalhou.

Depois de muitos tombos ela conseguiu ensaboar Luna e Cristian a entretia. Após lavá-la não contava que ela se chacoalhasse a molhando novamente.

—Isso é bom. Agora vocês duas tomaram banho, econômico. —Zombou.

—Você dava banho nela?

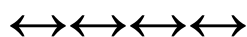
—Não me lembro...

—Mas se lembra de que ela odiava banhos...?

—Minha memória esta voltando aos poucos, eu não sei...

—Se lembrasse de mais alguma coisa... Pelo menos de como morreu.

—Bem que eu queria.



PERIGOSAS ACHERON

Ele a esperou na sala enquanto ela tomava banho, queria poder preparar comida, mas seria um desastre na cozinha já que ainda não havia dominado a “arte” de tocar objetos.

Mely iria passar o final de semana na casa de lago, ele poderia acompanhá-la?

“Casa de lago”, por que será que isso fazia tanto sentido? Essa palavra era como uma chave para abrir algo dentro dele, pensou.

Ela voltou. Usava um vestido leve, devia estar fazendo calor. Ficava realmente linda com os cabelos soltos. Cristian pensou como seria se ela arranjasse um namorado, pensou em como se sentiria em relação a isso.

E se nunca resolvessem esse mistério? E se ele permanecesse perambulando por ali para sempre? Como seria quando Mely se casasse e tivesse filhos, iria embora? Antes ele sumia quando não

PERIGOSAS NACIONAIS

estava em sua companhia, mas agora conseguia caminhar por aí. Não existia mais ninguém no mesmo plano que ele? Afinal de contas quando se morria não ia para um lugar bom?

Céu e inferno não existiam?

—Eu me diverti tanto hoje. —Suspirou.

—Eu também, Mely.

Alguém bateu na porta.

Melissa se assustou quando atendeu a porta.

—Debby? Entre. —Olhou para onde Cristian se encontrava, mas ele havia desaparecido.

—Não atende minhas ligações, a entrevista vai rolar não se esqueça.

—Eu sei...

—Terminou o livro?

—Bom, estou quase. Preciso de um fim.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

—Tudo bem. Já jantou?

—Não...

—Então pegue sua bolsa e vamos dar uma volta. —
Melissa não discutia com sua agente, ela sempre foi
um tanto animada e nunca aceitava não como
resposta.

Ainda eram oito da noite, foram para um
restaurante no centro.

—Qual é o tema do livro? —Indagou enquanto
olhava o menu.

—Drama.

—Drama? Nunca escreveu um drama antes.

—É. Quero me aventurar.

—Aventurar? Melissa você está no auge e uma
pessoa assim não pode sair por aí se aventurando.

—É uma boa história, te mando o original quando
eu acabar.

PERIGOSAS ACHERON

—Ok.

As duas conversaram por alguns minutos até o pedido chegar. Melissa não mencionou o que estava acontecendo com ela e Cristian.

—Você parece feliz, Melissa. —A observou. Debby além de sua agente era uma boa amiga, meio histérica, mas uma boa amiga. E conhecia Mely como ninguém.

—Jura?

—Sim. Não te vejo assim há muito tempo. — Brincou.

As duas sorriram.

Valerie chegou ao restaurante e quando avistou Debby acenou.

—Você a conhece?

—Claro. —Respondeu. —Ela é minha psicóloga.

—Sorriu. —Soube que você se consultou com ela

PERIGOSAS NACIONAIS

esses dias e foi embora sem mais nem menos.

—É. Acho que ela não pôde me ajudar...

Valerie cumprimentou Melissa, Debby e se sentou.

—Que bom que veio. —Debby se dirigiu a Valerie.

—Obrigada pelo convite. Agradeço de coração, preciso de distrações. E você Melissa, como está?

—Bem.

—Ainda vendo coisas...?

Melissa hesitou.

—Sim, eu o vejo quase o tempo todo.

Debby arregalou os olhos, mas ficou calada.

—Ele está aqui agora?

—Não.

—Do que vocês estão falando? —Debby quis saber.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ninguém respondeu. As três começaram a discutir sobre coisas triviais, normais... Igual a qualquer conversa.

Melissa descobriu que a amiga que Sonya mencionara era Valerie, ela teve um parente que sofrera um terrível acidente há pouco tempo e Melissa não sabia se ele havia morrido ou não, apenas que Valerie sofria demais. E sua avó deu a ideia de que ela pudesse ficar na casa de lago, então ela convidou Sonya para não ficar tão sozinha já que adorava crianças e Sonya convidara Mely, e uma coisa levou a outra.

Debby as chamou para uma casa noturna, queria beber um pouco e encerrar a noite com chave de ouro. Valerie esperou pela resposta de Melissa e dito sim se viu obrigada a aceitar também.

Chegando a casa noturna tocava altas músicas de Techno.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Melissa se sentou em uma mesa afastada e Valerie a acompanhou. Debby logo encontrou um cara musculoso e as abandonou. Melissa não a culpava o cara era realmente muito bonito.

—Sonya me disse que você vai conosco a casa de lago.

—É. Ela insistiu.

Valerie sorriu.

—Vai se divertir lá. Sinto muito pela sua perda.

—Eu também sinto pela sua...

Melissa suspirou.

PERIGOSAS ACHERON

CAPITULO 11

Ao chegar em casa Melissa estava exausta, queria apenas dormir. Parecia que havia sido atropelada por um caminhão. Nem sequer retirou as roupas e as trocou por um pijama, apenas se deitou.

Cristian apareceu.

—Se divertiu?

—Um pouco. Debby dançou quase a noite inteira,

mas sou eu quem está quase morrendo.

Ele sorriu.

—Deita aqui. —O convidou.

Cristian se deitou ao seu lado, ia puxar conversa, mas quando deu por si ela já havia pegado no sono. Então a observou por um longo tempo. Não acreditava na sorte que tivera de tê-la encontrado. Depois de um tempo ele desapareceu.

Melissa acordou logo cedo e começou a preparar as malas. Preparou ovos mexidos e comeu rapidamente, Sonya passaria antes do almoço. Cristian não havia aparecido, ela queria avisá-lo de que ficaria fora por dois dias.

Lembrou que Luna teria que ir junto, pois não poderia ficar em sua casa sozinha. Melissa sentia um desconforto não queria viajar, estava acostumada a ficar em casa e Cristian? Será que ele a encontraria lá?

Seu coração se apertou.

Sonya buzinou duas vezes até que Melissa saiu segurando as malas com uma mão e na outra Luna na coleira. Ela pediu para que seu esposo ajudasse sua amiga, ele o fez com uma cara mal humorada, mas nenhuma das duas percebeu. Luna foi colocada na traseira da caminhonete bem protegida.

Melissa se despediu mentalmente de sua casa e de Cristian. Sentia como se nunca mais fosse ver ou entrar em sua casa novamente.

Cristian procurou pela casa algum anúncio ou qualquer coisa ligado ao médio. Revirou as gavetas, tudo até que encontrou um cartão em cima da geladeira. Lá havia o endereço do homem. Ele não sabia como chegar, mas havia descoberto um meio de transporte bem rápido.

Fechou os olhos e depois os abriu novamente e estava no consultório do médio. Era tudo bem

PERIGOSAS NACIONAIS

arrumado, algumas cruzeiras na parede, quadros e retratos possivelmente de muitas pessoas juntas, talvez fossem sua família.

—Pensei que havia encontrado seu caminho.

Cristian se virou, o homem estava com os olhos fechados sentado em uma poltrona preta.

—Não encontrei e não sei como fazer isso.

—E a garota? —O homem abriu os olhos.

—Está bem...

—Por que veio aqui, atrás de respostas?

—Sim. Você pode me ouvir.

—Sou um médico.

—Então pode me explicar por que Melissa consegue me ver?

—Talvez ela tenha ou teve ligação com sua vida passada...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

—Não me lembro dela.

—Às vezes quando morremos sem ter chegado a hora ou tivermos pendências em vida então temos que concluí-las antes de partirmos realmente.

—Mas como faço isso?

—Melissa é a chave de tudo. Fique perto dela e terá suas respostas.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 12

Valerie chorava no banheiro, quando ouviu a buzina do carro de Sonya ela limpou as lágrimas e foi recebê-los com um sorriso. Percebeu que Melissa havia vindo como prometera, se sentia feliz gostava de conversar com ela, apesar de achá-la um pouco maluca.

Os filhos de Sonya correram até os balanços e o

mais velho começou a brincar com a cadela Luna. Valerie correu até Luna e afagou seu pelo. Sentia saudades, a última vez que a vira fora quando a tirou do antigo apartamento de seu irmão. A cadela se derretia no chão, mas logo foi de encontro a Matt.

Melissa levou suas malas até o quarto de hóspedes indicado por Valerie, estava exausta após desfazer as malas abriu o notebook e começou a escrever em cima da cama. O lugar era bastante tranquilo, mas sentia falta de Cristian. Por que ele ainda não aparecera?

Ela não desceu para o almoço ou para o jantar apenas escrevia e escrevia. No fim da noite ela já havia terminado o original e enviou por e-mail a Debby. Tomou um glorioso banho e se deitou.

Melissa se viu no mesmo lugar do sonho que deu origem ao seu drama. Ela procurou pelo casal, mas

não encontrou. Sentia o sol sob seu corpo desnudo e alguém afagava seus cabelos. Olhou para o alto e viu Cristian, ele sorria.

—Cristian? —Levantou-se o abraçando. Ela pôde sentir seu corpo quente contra o dela. Suas lágrimas começaram a rolar por seu rosto. Ele as secou com um beijo, não fora exatamente um beijo, foi um simples toque de lábios. Melissa continuou de olhos fechados e ainda abraçava fortemente Cristian— ela sonhava, tinha a plena certeza disso —, mas não queria acordar nunca mais.

—É tão bom poder te tocar... —Ele a beijou novamente agora o beijo foi intenso. Ela o abraçou ainda mais forte como se quisesse que seus corpos se fundissem e se tornassem um só.

 Melissa acordou chorando, as lágrimas escorriam...

Ainda pode sentir o gosto dos lábios de Cristian nos

seus.

Esse foi o sonho mais vivido que tivera em sua vida, parecia tão real. Talvez estivesse enlouquecendo. Lavou o rosto e desceu, Sonya preparava um bolo na cozinha. Melissa pegou uma maçã e deu leves mordiscadas enquanto olhava para Viviam— filha do meio de Sonya —, a garotinha de sete anos construía uma mini cidade usando desenhos recortados de cartolina. Havia as casas, igreja e até pessoinhas.

—Como dormiu essa noite? —Sonya indagou.

—Muito bem. —Melissa sorriu sem tirar o olhar da garota, ela parecia tão compenetrada.

—Que bom. —Sorriu. Ela botou toda a massa na forma e o colocou no forno, avisando a Viviam para não encostar e nem brincar muito perto para não se queimar. Ela foi para a sala assistir a um programa de TV junto ao seu marido.

PERIGOSAS NACIONAIS

Cristian apareceu.

Um belo sorriso se formou nos lábios de Melissa. Quando os olhares dos dois se encontraram ela pode perceber que ele compartilhara do mesmo sonho que ela.

Ele se agachou perto de Viviam e observou a mini maquete da garota.

—Diz pra ela colar as grama primeiro antes de colar as casas, e não em volta. —Falou sorrindo.

—Cole a grama primeiro... Querida. Antes das casinhas e não ao redor. —Melissa gesticulou para a garotinha.

Valerie se postou nesse exato momento no portal da cozinha, mas ninguém havia a visto.

—Todo grande projeto começa-se a partir da base e não o contrário. —Ele piscou para Mely.

Ela sorriu.

PERIGOSAS ACHERON

—Todo grande projeto começa-se a partir da base...

—E não o contrário. —Valerie terminou a frase com os olhos cheios de lágrimas.

Melissa então se deu conta de que Valerie os observava.

—Conhece essa frase?

—Meu irmão... Sempre dizia isso. —Correu para longe.

Melissa levantou-se e foi até a janela, Valerie fora para a beira do lago e Luna a acompanhou.

—Mely. —Cristian a chamou. —Eu conheço aquela mulher...

Então tudo fez sentido na cabeça de Melissa.

Ela correu pela sala sem parar nem para respirar e foi até o lago.

Valerie olhava além e continuava a chorar.

—Ele diz que conhece você... —Melissa falou
PERIGOSAS ACHERON

confiantemente ao se aproximar.

A mulher chorou ainda mais.

—Isso não é possível...

—Valerie? —Ele a chamou.

—A conhece? —Melissa indagou a ele. Ela não se lembrava de ter dito o nome de Valerie a ele.

—Ele está aqui...? —Valerie indagou hesitante, como se duvidasse da própria sanidade.

—Sim...

Ele se aproximou e quando olhou no fundo de seus olhos ele se lembrou de tudo. Lembrou-se de quem era... Seu nome, sua casa, sua antiga vida e do acidente. Do copo de expresso que havia caído sobre seus projetos, do volvo preto e das luzes e...

—Meu nome é Djean Uffrey! —Sibilou.

—Djean? —Melissa sussurrou.

Valerie havia escutado ela pronunciar Djean?

PERIGOSAS ACHERON

Estava enlouquecendo?

—Ele disse que seu nome é Djean Uffrey e sofreu acidente na interestadual, bateu em um volvo preto... —Melissa começou a chorar. —O volvo era o carro do meu pai e explodiu.

As duas se abraçaram aos prantos. Valerie agora acreditava com todo afinco em Melissa, as duas ficaram por minutos chorando uma no ombro da outra. Não se conheciam há pouco tempo e agora se abraçavam como se fossem íntimas a vida toda.

Uma tragédia uniu seus destinos para sempre.

Melissa procurou por Crist... Djean, mas não o encontrou.

Sonya correu desesperada até as duas, na sua mão o telefone, era para Valerie do hospital Mount Sinai.

—O estado do seu irmão se agravou... —Uma voz

PERIGOSAS NACIONAIS

feminina falou.

PERIGOSAS ACHERON

CAPÍTULO 13

Sonya ficou cuidando das crianças e o marido dela levou Valerie e Mely ao Mount Sinai.

Antes que o carro encostasse as duas saltaram do carro desesperadamente. Na recepção Melissa foi impedida de entrar, pois não era da família.

—O que houve...?

—O rapaz acordou do coma, estava em estado vegetal, mas... Está morrendo...

—Eu preciso entrar lá, por favor...

—Lamento, mas você não é da família.

—Eu sou namorada... Namorada... Eu o amo, por favor...? Eu o amo...

O homem ponderou.

—Vá! —Sussurrou.

Melissa correu o máximo que suas pernas suportaram e se chocou contra a porta. Abrindo-a. Valerie segurava a mão de Djean. O seu coração se despedaçou ao vê-lo todo entubado, havia tantas aparelhagens o mantendo vivo. Ele deu um leve sorriso— quase imperceptível —, quando a viu.

“Não era esse Djean que ela conheceu, era saudável e cheio de vida”, pensou.

Valerie se afastou para que Mely se aproximasse.

Djean se sentia tão feliz, finalmente havia descoberto quem era. E agora não lhe faltava nada, já havia visto sua irmã pela última vez e agora via Melissa mais uma vez. Como era linda, era ainda

PERIGOSAS NACIONAIS

mais linda através de seus olhos mortais. As lágrimas dela caíram em seu rosto, não a queria triste. Ele não sentia dor e não sentia nada da cintura para baixo. Tentou erguer a mão para tocar Mely, mas não conseguiu.

—Djean... —Falou aos prantos tocando seu rosto.

—Estou aqui... Com você...

—Eu sinto seu toque... —Retirou a máscara de oxigênio.

—Vai ficar tudo bem... Você vai melhorar... Sente alguma dor?

—Não se preocupe Mely. Eles me encheram de morfina. Estou bem... Eu te amo...

Melissa tentou reprimir o choro, mas não foi capaz, apenas deitou sobre seu corpo.

—Eu também te amo. —Choramingou.

—Me beija? —Pedi a beira do desfalecimento.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ela limpou o rosto sofregamente e o beijou, pôde sentir o mesmo gosto de seus lábios— o mesmo gosto dos seus sonhos —, ela o beijou repetidas vezes. Segurou sua mão e ele segurou de volta com uma força quase imperceptível. —Agora eu posso ir em paz e seguir meu caminho...

Seus olhos cor de avelã que a encararam estavam cheios de lágrimas, mas lágrimas de felicidades.

—Não vá... Fique aqui comigo... —Melissa chorou desesperadamente. Ela nunca havia amado e agora que encontrara o cara certo seria assim? Ele partiria? A deixaria assim? —Fique...

Ela manteve seu olhar durante alguns segundos, o olhou sem piscar até que as pupilas dele se dilataram e o brilho— que ela sempre enxergava ali —, desapareceu, e a vida foi embora. Percebeu que o aperto de sua mão se fora, apenas ela o segurava. Seus olhos cintilantes agora não passavam de

PERIGOSAS ACHERON

pupilas foscas, sem vida, sem alma alguma...

Ela fechou seus olhos e não se importou com o choro de Valerie sobre o corpo morto de Djean. Apenas caminhou sem direção. Ainda não acreditava em tudo que lhe acontecera, sentia-se incompleta, não sabia como prosseguir. Apenas caminhou. Quando a recepcionista chamou-a atenção para lhe perguntar se estava bem ela apenas a ignorou.

Seu celular tocou muitas vezes, mas ela também o ignorou.

Não tomou nota de nada que acontecia até que atravessou a rua— pensativa, seus pensamentos eram um turbilhão dentro dela —, quando o ônibus bateu contra seu corpo ela não sentiu nada. Ela não viu nada.

Apenas fechou os olhos...

E quando voltou a abri-los estava deitada no chão

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— como se anjos a tivessem a colocado delicadamente —, não conseguia mexer um músculo sequer.

—Ai meu Deus! Socorro! —OuvIU pessoas gritarem. —Ajudem!

De repente ficou difícil respirar. Sua visão começou a enublar-se, sentiu ser colocada na maca do hospital, sentiu seus batimentos diminuindo rapidamente como sua vida se esvaísse. E então tudo desapareceu e segundos depois ela se viu fora do corpo.

Sentia como se pudesse flutuar. Viu seu corpo desfalecido sobre a maca e os médicos tentando reanima-lo. Pôde ver seus olhos vazios e inexpressivos. Sonya chegou às pressas e sacudiu o corpo, como se Melissa fosse acordar de algum sonho— como se pudesse reanima-la a força —, mas tudo foi em vão.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Então o médico sacudiu a cabeça.

Melissa viu a multidão logo abaixo dos seus pés, percebeu que flutuava na imensidão do mundo, fechou os olhos...

Quando voltou a abri-los estava em um campo florido, repleto de tulipas multicoloridas. Usava um vestido branco impecável, sorriu ao perceber que Djean a esperava com os braços abertos. Estava de branco também e estava tão lindo, tão saudável...

Ela correu ao seu encontro, e ele a imitou. Quando se encontraram ela o abraçou fortemente sentindo seu calor. Se ela estava no paraíso? Ela não sabia a resposta para isso, mas se ele viveria ali com ela para sempre então era o paraíso dos seus sonhos. O buraco em seus corações agora havia se fechado ambos nunca haviam experimentado tal felicidade. Os dois caminharam de mãos dadas até que desapareceram entre as flores.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

O enterro de ambos ocorreu no mesmo horário no mesmo local e no mesmo cemitério, Green-Wood.

Debby ligou para Sonya contando sobre o desfecho do drama de Melissa. Uma escritora bem sucedida se apaixonava por seu próprio personagem, mas no fim descobria que ele na verdade estava em coma e seus caminhos deviam se cruzar por que era o destino. Então ele a perseguia até que ela se desse conta disso. Mas ela havia terminado a história antes de contar o fim.

Ela soube qual foi o fim.

Sonya deu-se conta então de que não precisava sofrer, pois Melissa estava bem, ela nunca estivera melhor.

O livro foi autointitulado como “Predestinados”, e vendeu milhões de cópias. Todo o dinheiro arrecadado foi enviado á várias instituições de caridade.

PERIGOSAS ACHERON

—Finalmente. Encontrou seu caminho e sua felicidade. —O médio falou debaixo do guarda-chuva ao lado da sepultura de Djean e Melissa.

FIM.

Agradecimentos:

Queria agradecer primeiro a Deus, por ser tremendamente maravilhoso. A toda minha família pelo apoio incondicional. Ao meu esposo lindo e maravilhoso por me apoiar, e me desafiar a sempre está mudando. E a ser uma pessoa melhor.

E agradecer a todos meus leitores porque sem vocês eu não seria nada, obrigada.